

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

INDIGNOS DE AMAR: CORPO E AFETO EM *O ALEGRE CANTO DA PERDIZ*

Bruno Dutra Rocha

Rio de Janeiro
2022

BRUNO DUTRA ROCHA

INDIGNOS DE AMAR: CORPO E AFETO EM *O ALEGRE CANTO DA PERDIZ*

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Literaturas.

Orientadora: Professora Doutora Vanessa Ribeiro Teixeira

RIO DE JANEIRO
2022

Rocha, Bruno Dutra.

Indignos de amar: Corpo e afeto em O alegre canto da perdiz, de Paulina Chiziane / Bruno Dutra Rocha. – 2022.

27 f.

Orientadora: Vanessa Ribeiro Teixeira.

Monografia (graduação em Letras, Português – Literaturas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 22.

1. Literatura Africana. 2. Racismo. 3. Colonização.

I Rocha / Bruno. II - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2022 III. Título.

CDD (dado

Fornecido pela biblioteca)

AGRADECIMENTOS

Laroye, Exu! Senhor dos caminhos, pela estrada aberta em minha vida, por ter me permitido caminhar firmemente até aqui, ultrapassando os obstáculos que apareceram ao longo dessa jornada.

Agradeço à minha mãe, Antônia, por ser a âncora que manteve meu barco estável, junto ao cais da razão diante das turbulências; pelo suporte concedido desde o instante que cheguei ao mundo. Tudo é mais fácil porque tenho você ao meu lado, incondicionalmente. Seu amor me fortalece diante de qualquer situação.

Às minhas amigas Aline, Nadja e Raphaela, com quem dividi medos e anseios, pela escuta fiel e por sempre me encorajarem a continuar e a acreditar mais em mim.

À minha orientadora, Vanessa Ribeiro Teixeira, pela parceria nesta investigação científica dentro do vasto universo de *O alegre canto da perdiz*; por direcionar as minhas ideias e por me apresentar ao aparato necessário para sustentar o meu discurso.

Fogo!
Queimaram Palmares,
Nasceu Canudos.
Fogo!
Queimaram Canudos,
Nasceu Caldeirões.
Fogo!
Queimaram Caldeirões,
Nasceu Pau de Colher.
Fogo!
Queimaram Pau de Colher
E nasceram, e nascerão tantas outras comunidades
Que os vão cansar se continuarem queimando

Porque mesmo que queimem a escrita,
Não queimarão a oralidade.
Mesmo que queimem os símbolos,
Não queimarão os significados.
Mesmo queimando o nosso povo,
Não queimarão a ancestralidade.

Nego Bispo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
CAPÍTULO 1 - A ORIGEM	6
Sobre a autora e a obra.....	6
Filhos perdidos	6
O caminho que minha mãe ensinou	7
CAPÍTULO 2 - A GANÂNCIA.....	10
Renegação da ancestralidade: eliminando arquétipos negros.....	10
O início do fim	12
CAPÍTULO 3: UM DEFEITO DE COR E A DINÂMICA DO ESPELHO (AUTO-ÓDIO).....	16
Indigna de amar	16
Ingrato reflexo, auto-ódio	18
O não lugar	20
CONCLUSÃO.....	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27

INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe uma investigação das relações afetivas entre negros e negras, brancos e negros, personagens presentes no romance *O alegre canto da perdiz*, de Paulina Chiziane. Mais precisamente, a falta de afeto e a rejeição de corpos negros retintos, sempre preteridos perante corpos brancos e/ou mulatos, incluindo também a autorrejeição.

Tem o intuito de identificar o abalo na natureza dos relacionamentos dos indivíduos supracitados, bem como as modificações na dinâmica relacional familiar, afetivo-sexual e social concomitantemente aos respectivos desdobramentos após a invasão portuguesa ao solo moçambicano, considerando os novos arranjos e redesenhos impostos pela colonização; um detalhamento acerca da perspectiva de vida e da visão que os personagens negros passaram a ter de si, dos seus e sobre o invasor quando confrontados com a violência do processo de pilhagem que, dentre outras mazelas, lhes subtrai a subjetividade.

Selecionados os fragmentos do romance que servirão de amostra para o estudo, a metodologia utilizada é a análise do comportamento dos personagens à luz de textos teóricos que fundamentam os embates étnicos-raciais, abrangendo o racismo enquanto sistema de poder, revelando em detalhes seus mecanismos criados para apartar, para anular a paridade até então existente entre moçambicanos e moçambicanas, compreendendo a miscigenação como estratégia bélica que acareia negros de pele clara e negros retintos, rivalizando-os; a abdicação de importantes e tradicionais valores socioculturais; os novos arranjos e redesenhos impostos pelo novo regime; e a estratificação social pautada na pigmentocracia que configura a nova população, sustentada pela discriminação.

CAPÍTULO 1 - A ORIGEM

Sobre a autora e a obra

Vencedora do Prêmio Camões em 2021, Paulina Chiziane, primeira mulher moçambicana a escrever um romance, refuta a alcunha de romancista, definindo-se como “contadora de estória”. E é justamente na habilidade de tecer histórias e emaranhá-las no decorrer da narrativa que residem as características que fazem de *O alegre canto da perdiz* uma obra singular – valer-se da ficção para tornar pública a face ocultada, parte imprescindível do passado recente de Moçambique, em um movimento de assinatura da própria vivência. Uma literatura-verdade, um ato político.

A narrativa aqui apresentada discorre sobre uma saga feminina, capitaneada por quatro mulheres pertencentes à mesma família: Serafina (mãe e avó), Delfina (filha e mãe), Maria das Dores e Jacinta (netas e filhas). Através do relacionamento entre essas personagens e do relacionamento delas com Soares (homem branco / genro, esposo e pai) e com José dos Montes (homem negro / genro, esposo e pai) estabelece-se o panorama do atravessamento sofrido pelas múltiplas relações afetivas quando a raça passou a ser uma questão na definição da identidade e no aferimento do bem-querer. Maternidade, traições, preterimentos e contradições são servidos à medida em que o enredo avança sobre as páginas, revelando em tinta sobre o papel as implicações de existir enquanto mulher negra em uma sociedade colonial.

Filhos perdidos

O cordão umbilical, elo entre mãe e filho quando este ainda repousa nas águas tranquilas do ventre, deixa de existir quando o novo ser ganha vida fora do corpo materno. O laço entre ambos, porém, mantém-se pelo afeto e acolhimento de um para o outro no decorrer da vida. Assim costumava ser, mas a colonização em terras moçambicanas transformou o cotidiano sublime em algo perturbador e violento, desunindo o que antes caminharia junto, lado a lado, impondo a Serafina um registro de dor em um momento que deveria ser de celebração, dando contornos de violência e sofrimento a uma experiência pacífica que deveria apenas ser conflituosa em eventual embate geracional. A colonização afastou o que naturalmente estaria conectado, registrou em seu olhar agora

triste o sequestro de seus três primeiros filhos, homens, sendo arrancados dos seus braços, ao som das balas, na noite fúnebre dos sipaios, rumo ao desconhecido, à provável escravidão. Famílias inteiras foram desfeitas no sopro do vento invasor, espalhadas em outro continente a despeito da dor. Eles partiram para nunca mais voltar, desaparecendo no mapa do tempo e deixando uma cicatriz em seu coração.

Hoje eu entendo o sofrimento das cadelas e das cabras quando nós, os humanos, retiramos as suas crias para destinos desconhecidos perante o olhar impotente das progenitoras. Mas um dia virá em que o mundo inteiro se recordará do sofrimento da mãe negra e nos pedirá perdão pelos filhos que os roubaram, arrancaram, venderam. (CHIZIANE. 2008, p. 103).

O trauma causado por essa brutalidade tripla modificou sua compreensão da vida, pois turvou seu olhar materno, transformando o calor do aconchego de uma mãe na frieza práxis do pensamento colonialista. À sua menina, Delfina, dedicou palavras duras, animosidade e pragmatismo.

A fim de driblar o reencontro com a dor da partida e não a ver sofrendo quando seus netos fossem levados pela escravidão, presenteou o único rebento que lhe restou com um universo de aspereza para além das palavras: a prostituição, que por ela era entendida como a única opção para as mulheres negras colonizadas. Por um pedaço de bacalhau ou uma garrafa de vinho, não importa, fez de Delfina a sua moeda. De mãe, virou cafetina. E comercializou quem não deveria precificar, mas, sim, dar valor: sua própria filha.

Analisando a sociedade colonial, Robert Young (1995:95) considera que existia uma relação fundamental e estruturante entre raça, cultura e sexualidade, isto é, no movimento característico e ambivalente de atração e repulsa do colono em relação à mulher negra ou mestiça reside a economia sexual de desejo nas fantasias da raça, por um lado, e a economia da raça nas fantasias do desejo. (NOA. 2018, p. 46).

O caminho que minha mãe ensinou

Compreender Delfina não é tarefa simples, pelo contrário, a construção errante da personagem desperta diferentes e contraditórias emoções. A complexidade dos seus atos não cabe no julgamento ocidental forjado na moral cristã europeia; é imprescindível despir-se da dicotomia boa ou má. Não há espaço para o maniqueísmo nessa história. Para tentar entendê-la, é preciso ter em mente que alguém foi senhor e outrem foi escravo. Que alguém invadiu para que o dono da terra fosse colonizado. Delfina é uma mulher negra

retinta, jovem, que foi arremessada na prostituição por sua própria mãe, Serafina, de quem sempre ouviu dizer que mais valia dormir com soldados estrangeiros do que se entregar ao amor de um homem preto.

O corpo negro, desde muito cedo, fora apresentado como sinônimo de insucesso e inferioridade. As duras palavras ouvidas de sua mãe forjaram o auto-ódio, que é também o desprezo pelo seu semelhante, posto que nele enxerga o que não gostaria de ver e nem ser, contudo, envolve-se com José dos Montes, também negro retinto, pobre, e com ele decide se casar.

Ao apresentá-lo aos pais, Delfina, uma das sereias do cais, como eram denominadas as mulheres que se prostituíam à beira mar, ouve sua mãe lhe dizer: “*Casar?!?! Com esse preto??? Melhora a tua raça, minha Delfina!*” (CHIZIANE, 2008, p. 91). A antipatia expressada por Serafina no trato com o futuro genro é manifestação do racismo introjetado e assimilado como forma de sobrevivência durante o período de colonização, não lhe agrada ver a única filha unir-se a um homem sobre quem também recai o infortúnio de ser negro; é manter-se acordada dentro pesadelo de ser o que é.

O questionamento da união a um homem preto retinto ratifica o sexo enquanto arma de combate em tempo de guerra, pois seria dar munição ao inimigo. A purificação da raça através de netos descendentes de brancos foi semeada na deturpação de valores que o colonizador impetrou no cotidiano das famílias moçambicanas, gerando inúmeras cenas como esta. Após anos de absorção desse discurso desumanizador, proferido pela boca de quem se imaginara sair palavras gentis, Delfina intuiu, então, não ser apta ao amor e, para não o viver em sua potência, decide com José se casar para matar o sentimento que não merece receber. Diferentemente do que faziam os colonos, o jovem casal negro não se casaria para celebrar o amor, mas, sim, para matá-lo, porque lhes fora imposto que seus corpos não eram amáveis, que as mãos, ao tocá-los, trariam tapas, socos, mas nunca carinho. O afeto não era uma possibilidade, ao que ela sentenciava:

O casamento é o único recurso disponível para acabar com o tormento. O amor é um prato de sopa que se come quente. Arrefecido não presta. [...]. Quando o amor é demasiado ardente, é preciso casar. Destruir as lanças do Cupido. O amor é uma rosa que dura apenas um ciclo. Um castelo à beira do mar. (CHIZIANE, 2008, p.87).

E José dos Montes responde: *“Então casemos. Das gargantas do mundo sairão discursos hipócritas de felicidades para aqui, longa vida para ali, quando, no fundo, tu e eu queremos é um remédio para queimar esta doença e partir em liberdade.”* (CHIZIANE, 2008, p.88).

A demonstração de afeto entre pessoas negras, bem como assumir-se amável por outras pessoas ou amar a si mesmo é um ato revolucionário porque já na tenra infância ensina-se exatamente o contrário; reprime-se a afetividade. A criança negra cresce percebendo que carinho, atenção e cuidado não contemplam o seu mundo e replica aos seus semelhantes a mesma ausência, alimentando um ciclo de desamor crescente e contínuo. Torna-se adulto rebatendo as emoções e agindo com desnaturalidade à hipótese de receber mínimos sinais de afeição, como um simples olhar de carinho, um toque sutil sobre os ombros, um abraço cordial.

A inabilidade para lidar com os sentimentos é ocasionada por uma desconstrução de humanidade edificada na cadeia de animalização que o indivíduo negro sofre, pedra base do racismo, que não somente adoce a mente e o corpo (que por vezes morre), como também abala a sensibilidade, embrutecendo negros e negras que, por sua vez, interpretam-se indignos de amar.

Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, "feridos até o coração", e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e, conseqüentemente, de amar. Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando. A vontade de amar tem representado um ato de resistência, mas ao fazer essa escolha, muitos de nós descobrimos nossa incapacidade de dar e receber amor. (HOOKS, Bell. Vivendo de amor).

A desumanização de corpos negros durante o exercício da colonização é devastadora em todos os níveis. O sentimento nascido entre pessoas de pele retinta não era passível de celebração dentro da igreja ornada com flores de laranjeiras perfumando o caminho da noiva, não era como uma benção divina a ser sacramentada e celebrada no altar. Pelo contrário, era uma praga que deveria ser extinta o quanto antes, tal qual faziam os agricultores com as ervas daninhas. Matar pela raiz para que não frutifique, leia-se novos corpos negros retintos. O relacionamento afrocentrado é uma árvore que deve ir ao chão antes que o primeiro fruto seja gerado.

CAPÍTULO 2 - A GANÂNCIA

Renegação da ancestralidade: eliminando arquétipos negros

Eu vi brilhar / E para o vício minha mente me conduz / Eu quero e quero muito mais / Eu quero o ouro, pois o ouro me seduz.

O samba-enredo da G.R.E.S. Unidos do Viradouro para o carnaval 2001, cujos versos iniciam este capítulo, traduzem com maestria a ambição de Delfina, mola propulsora das atitudes racistas e do preterimento ao negro, seu semelhante. A mais bela das sereias do cais jamais se conformou com sua condição socioeconômica, vislumbrando desde sempre o momento em que ascenderia à vida que julgava merecer. Não se sentia pertencente à base da pirâmide e lutaria com todas as forças e recursos, certos ou errados, éticos ou não, para alterar uma história que já nascera com final infeliz escrito. Um final com o qual não concordou e combateu com as armas que tinha a seu dispor, veementemente.

Sob as bênçãos de seu pai e as maldições de sua mãe, casou-se com José dos Montes. Desfilou pelo corredor central da igreja sob os olhares de espanto dos mesmos algozes que até pouco tempo lançavam olhares reprovadores e discriminatórios. Emudeceu as famigeradas bocas que lhe ofenderam incontáveis vezes durante o percurso até fechar o portão de casa, por não consentirem com sua atividade profissional. Era, em alguma medida, uma vingança, uma vitória. Ela triunfou sobre os preconceituosos ao trilhar um caminho surpreendente para quem a julgava errante e indigna. Em suas palavras, o casamento fora “*um acidente do coração, um tratamento para curar a doença da paixão.*” (CHIZIANE. 2008, p. 89). Porém, a doentia paixão de José dos Montes não foi curada; de maneira oposta, ele seguiu cada vez mais encantado e devotado à esposa.

Cabe aqui um parêntese para destacar a construção deste personagem, que vai na contramão do estereótipo racista que se tem do homem negro, quase sempre representado como vadio, alcoolizado e violento. Chiziane constrói um homem movido por amor, que nem mesmo nos momentos mais conflitantes da relação matrimonial agiu com ferocidade. Um trabalho delicado, elaborado e sutil ao dar humanidade a uma figura comumente animalizada, tanto nos livros quanto na sociedade.

Dito isto, por mais bem-intencionado e trabalhador que fosse José, seus ganhos quebrando e carregando pedras sob o forte sol eram insuficientes para garantir à sua senhora a boa vida há muito tempo por ela desejada. A escassez de dinheiro e a má qualidade da comida posta sobre a mesa adensou o clima na convivência ainda recente do jovem casal. Era o começo do fim.

O nascimento da primogênita, Maria das Dores, embora fosse um momento alegre, também revelou uma das faces do racismo colonial: a da ojeriza por tudo que tivesse origem negra. Delfina rejeitou os nomes, os rituais e os costumes do seu povo por não querer mais compactuar com o universo em que crescera. Era declarado o seu movimento de transição, nada poderia detê-la. Cada novo acontecimento em sua vida deveria ser mensurado e endossado em concernência ao mundo do branco colonizador:

- Temos que fazer a cerimônia de nascimento para dar sorte à menina, sugere Serafina.
- Não, não posso.
- Sabe o que isso significa?
- Porque fiz um juramento. Renunciei a todas essas práticas primitivas e vivo a vida dos brancos.
- Preparei-te um chá de ervas. É bom, limpa as impurezas. Toma muita água de coco. Do coco verde, tenro. Dá também ao bebê.
- Eu não vou tomar nada disso, tenho os antibióticos que o José trouxe lá da farmácia.
- Delfina, há doenças que os remédios dos brancos não curam. Sempre me tratei com estas ervas e vivi.
- Eu não voltarei atrás. Nunca mais tomarei essas bruxarias de negros. Os médicos resolvem tudo.
- Diz-me uma coisa, Delfina. Que sabes tu dos brancos? (CHIZIANE. 2008, p. 154).

“Assim como muita gente evita expor seus parentes pobres, o colonizado com problemas de assimilação esconde seu passado, suas tradições, todas as suas raízes, enfim, que se tornaram infamantes.” (MEMMI, 2007, p. 164).

O branco e a branca são os únicos artífices e legítimos herdeiros do progresso e desenvolvimento do homem. Eles são a cultura, civilização; em uma palavra, a humanidade. O racismo esconde assim o seu verdadeiro rosto. Pela repressão ou persuasão, leva o sujeito negro a desejar, invejar e projetar um futuro antagônico em relação à realidade do seu corpo e de sua história étnica e pessoal. Todo ideal identificatório negro converte-se, dessa maneira, na projeção de um futuro, em que o seu corpo e identidade negros deverão desaparecer. (COSTA. 2021, p. 29).

Ratifica-se, então, o sucesso da tática do invasor branco, que é se ancorar como a norma na qual contrastam todos aqueles que não se assemelham a este referencial. Essa dicotomia também estrutura as relações humanas, forjadas nas oposições.

Os judeus são “outros” para o anti-semita, os negros para os racistas norte americanos, os indígenas para os colonos, os proletários para as classes dos proprietários. Ao fim de um estudo aprofundado das diversas figuras das sociedades primitivas, Levi Strauss pôde concluir: “A passagem do estado natural ao estado cultural define-se pela aptidão por parte do homem em pensar as relações biológicas sob a forma de sistemas de oposições: a dualidade, a alternância, a oposição e a simetria, que se apresentam sob formas definidas ou formas vagas, constituem menos fenômenos que cumpre explicar os dados fundamentais e imediatos da realidade social”. Tais fenômenos não se compreenderiam se a realidade humana fosse exclusivamente um *mitsein* baseado na solidariedade e na amizade. Esclarece-se, ao contrário, se, segundo Hegel, descobre-se na própria consciência uma hostilidade fundamental em relação a qualquer outra consciência; o sujeito só se põe em se opondo: ele pretende afirmar-se como essencial e fazer do outro o inessencial, o objeto. (BEAUVOIR. 1980, p. 11-12).

O início do fim

A insatisfação com a extrema pobreza com a qual ainda era obrigada a conviver intensificou a animosidade entre Delfina e José. Ela o lembra que não nasceu para ser miserável e questiona se foi para deixá-la viver em situação de penúria que a retirou dos braços de Soares, o seu amante branco que lhe dava uma vida rainha. Após as constantes queixas e temendo perdê-la, José assente tornar-se assimilado. Devido ao porte físico robusto, foi admitido como sipaio - uma espécie de funcionário militarizado da Coroa Portuguesa, nascido na colônia, responsável pela cobrança dos impostos e manutenção da ordem (em que pese ser válida a aplicação da truculência como coerção), além de quaisquer outras atribuições delegadas pelos colonizadores. Quem não se ajoelha perante o poder do império não pode ascender ao estatuto de cidadão. O passaporte para ser visto como um indivíduo digno era aceitar a assimilação, que abrangia todos os aspectos da vida:

- Vamos, jura por tudo que não dirás mais uma palavra nessa língua bárbara. Jura, renuncia, mata tudo, para nasceres outra vez. Mata a tua língua, a tua tribo, a tua crença. Vamos, queima os teus amuletos, os velhos altares e os velhos espíritos pagão.
- Juras abandonar essas crenças selvagens, a língua atrasada, e a vida bárbara?
- Sim, eu juro. (CHIZIANE, 2008, p. 119).

A cena descrita acima pode ser comparada a um momento bastante similar, narrado no romance *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves. Kehindé, a protagonista, na companhia de outros negros capturados e comercializados como escravos, antes de embarcarem rumo ao longínquo e desconhecido Brasil, circundavam uma árvore frondosa enquanto repetiam as palavras ordenadas pelos padres católicos, despindo sua identidade, a fim de vestir a nova personalidade imposta pelo colonizador. Assim como em *O alegre canto da perdiz*, havia um ritual de abandono de si para embarcar no outro. As escritas afrodiaspóricas se entrelaçam em pontos sensíveis para contar a História que a estória não conta, o avesso do mesmo lugar.

Confessar-se assimilado era negar a si e aos seus. Negar costumes, fé e tradições. Apagar o que fora vivido até o presente momento para escrever novas palavras em outro idioma, incorporar uma persona que jamais lhe caberia, tampouco chegaria perto de ser real, visto que os invasores o veriam como uma imitação ordinária de colono. O afinco empregado por José em sua nova função era módico para que pudesse ser visto, na mínima medida, como pertencente ao clã.

Falam de José dos Montes, elogiam-no. Ele é um preto bom, um preto fiel, o melhor que já existiu. Se não fosse um cafre, podia até ser um fidalgo ou um general.

- Ele é bom de mais, mas é um preto, não acha, meu sargento?

- É. E é muito superior a vocês todos. Mas não passa de um escravo. (CHIZIANE, 2008, p. 139-140).

Por mais bem-sucedido que fosse na execução das tarefas atribuídas, a sua negritude barraria o reconhecimento, que também é anulado pela ausência de paridade entre os envolvidos.

Ao esforço obstinado do colonizado de superar o desprezo (merecido por seu atraso, sua fraqueza, sua alteridade, ele acaba por admitir), à sua submissão admirativa, à sua preocupação aplicada de se confundir com o colonizador, de se vestir e falar como ele, de se comportar como ele, até mesmo em seus tiques e em sua maneira de cortejar, o colonizador opõe um segundo desprezo: ou escárnio. Ele declara, explica ao colonizado que esses esforços são inúteis, que ele só ganha com eles um traço suplementar: o ridículo. Pois o colonizado jamais conseguirá identificar-se com ele, nem mesmo reproduzir corretamente seu papel. (MEMMI, 2007, p. 166).

Era uma marionete nas mãos do poder. Ainda que de fato a assimilação o colocasse alguns degraus acima dos negros não assimilados, financeiramente não havia

um avanço tão significativo. O novo salário, embora maior do que o anterior, não era capaz de subsidiar o padrão de vida dos colonos.

“*O sexo é uma arma de combate em tempo de guerra.*” (CHIZIANE, 2008, p.91). Delfina soubera da veracidade desta afirmação ainda bem nova, quando sua mãe vendeu sua virgindade a um velho português em troca de um copo de vinho, degustado enquanto o ato se consumava. Aprendera com a mais cruel das traições que a relação sexual com os invasores poderia lhe dar alguma vantagem, mínima que fosse, frente a situação de sobrevivência em que estava. Astuta, não demorou a perceber que gerar uma criança mestiça, que trouxesse dentro de si, além do sangue negro, também o sangue branco correndo nas veias escondidas debaixo da pele mais clara, poderia assegurar a tão sonhada mobilidade social. Era o mais breve trajeto para chegar à vida que merecia.

Sua mãe sempre impregnara sua mente, alertando ser imprescindível clarear a família, melhorar a raça, pois estes netos de pele quase branca usufruiriam de um prestígio, de uma condição superior, os quais elas jamais acessaram enquanto representantes de duas gerações de mulheres negras retintas. Se o sexo foi uma arma de combate, o fruto que dele viesse era a consagração de um projeto vitorioso, um troféu para todos. O passaporte/moeda com o/a qual poderia pagar os tributos indispensáveis para adentrar em camadas sociais acima da sua: “*Não mais morrerei à míngua, com esta filha que é a minha segurança. Erguerei esta criatura como uma bandeira branca, a acenar aos marinheiros e a gritar: sou vossa! Juntei meu sangue ao vosso na construção da nova raça.*” (CHIZIANE, 2008, p. 191).

Em contrapartida, os filhos de pele preta seriam como ela, desgraçados na mão do atual regime e perpetuariam a pobreza em que a família vivia há duas gerações. Em seu pensamento, a miscigenação era a garantia de conquista da estabilidade que se atingiria sendo reconhecidamente gente, o que não conseguiu ser até o presente instante.

Agindo com a objetividade de quem sabe que pertence ao lado mais fraco do embate e que se faz urgente uma atitude concreta para alterar a inércia dos planos de ascensão, sem cerimônia ou constrangimento, trai o marido com o patrão dele, de quem engravida. Interpreta como sorte o súbito interesse que o fez se aproximar e ceder aos seus encantos quando não o via como um alvo em potencial para a realização dos seus desejos mais ambiciosos.

Questionada por José sobre o porquê da recém-nascida ter a pele tão clara, não titubeia ao admitir ser aquela criança proveniente de uma traição. Discorre com a naturalidade de quem domina a lógica perversa do seu âmbito cunhado no racismo do colonizador; é facilmente compreensível optar por dar à luz à nova raça que povoará toda Moçambique e, concomitantemente, ratificará o projeto suscitado há muitos anos, que precisava ser cumprido a fim de assentá-la em seu trono. As duras palavras ditas ao seu homem não lhe transmitem dissabor, pois ouviu e viu em casa, ainda menina, sua mãe proferir e cometer barbaridades sem nenhum pudor ou temor. Já estava imune à maledicência dos vocábulos. Usou de sua praticidade para contar-lhe o que aconteceu e como aconteceu. Não se preocupou em magoar, não pensou se iria ferir os sentimentos dele, que não preenchia mais os requisitos para ser o seu companheiro e estava expulso da sua vida. Escorraçado talvez fosse a palavra mais correta, dado que Dos Montes não errara e a forma pouco respeitosa com a que fora tratado. Fizera as vontades de sua rainha, assimilou-se, traindo os seus irmãos ao compactuar com os outros, aqueles que vieram d'além mar para pilhar e semear a dor. Corrompeu-se ao sistema para satisfazê-la e, em correspondência, recebeu o abandono reservado para o corpo negro (eterna opção inviável).

As convencionais juras de amor eterno trocadas pelos apaixonados foram declinadas ante as afirmativas a respeito do casamento como homicídio do amor que sentiam. Não era mais útil tê-lo ao seu lado, ao contrário, tornou-se o peso que dificultaria a subida dos degraus que a distanciaram do arquétipo negro. O sujeito não mais tenta converter o corpo negro em corpo branco. “Contenta-se em renegar o estereótipo de comportamento negro, copiando e assumindo um comportamento que pensa ser propriedade exclusiva do branco, e em cuja supremacia acredita.” (COSTA, 2021, p. 37).

Reitero, mais uma vez, a singeleza da edificação do personagem José dos Montes e ressalto o interessantíssimo jogo de papéis sociais. Paulina dribla a trivialidade ao inverter a lógica machista que designa a mulher como a parte sensível da relação e o homem como a parte racional. Do homem, de quem se espera funcionalidade, violência e rigidez, brotam passividade e devoção. Da mulher, sobre quem se especula ternura, comoção e subserviência, nascem intransigência, ganância e frieza. A fuga do óbvio, intencionalmente ou não, propicia um elemento surpresa à trama, deixando-a ainda mais envolvente. É importante quando a arte traz a reflexão que na vida, por vezes, não

fazemos; por estarmos absorvidos pelo sistema patriarcal, lemos como óbvios comportamentos por ele ditados.

Saliento, então, o papel da literatura, ser objeto de provocação ao que é hegemônico, suscitando a necessidade do debate sobre o que se convencionou como conduta distintiva masculina e conduta distintiva feminina, mais do que isso, questionar o porquê tais configurações, com raízes em tempos tão remotos, ainda ditam regras no vigésimo segundo ano do século XXI.

Quando no primeiro capítulo referenciei a obra e a autora, afirmei que um dos aspectos abordados são as implicações de existir enquanto mulher negra em uma sociedade colonial. Sabotando essas implicações, Delfina rompe os paradigmas patriarcais e escravistas quando reitera a posse do seu corpo prostituído, convertendo-o em recurso determinante para inverter as posições ao seduzir o invasor, engravidar e com ele se casar a fim de desfrutar de sua fortuna enquanto esposa. A meretriz ficou no passado para que a senhora Soares esteja presente. A negra da cama quente no quarto escuro sentou-se à mesa do café sob a luz da manhã. E deu bom dia.

Como uma exímia enxadrista, deu o xeque-mate e conquistou a alforria possível. O corpo sobre o qual os fregueses atiravam moedas fez-se abrigo para os filhos mestiços, que confirmam a vitória sobre o inimigo, de quem se fez amante. Transformou sua realidade, distanciou-se das privações que a pobreza lhe deu. Desse modo, não servia aos propósitos do colonizador. Moveu o *status quo*.

CAPÍTULO 3: UM DEFEITO DE COR E A DINÂMICA DO ESPELHO (AUTO-ÓDIO)

Indigna de amar

Travada e vencida a guerra pelos seus sonhos, era chegado o momento de desfrutá-los. Delfina finalmente conquistou seu objetivo: viver como os brancos. Sua trajetória desvencilhou-se da trajetória de José dos Montes, simplória demais para estar próxima de quem queria alcançar as estrelas, de quem invariavelmente queria mais, muito mais. Apartados, seguiram direções opostas. Ele se perdeu pela Zambézia, atordoado com o desmoronamento do matrimônio em função da revelação das traições, abstendo-se da

vida que tinha no maldito instante em que a cruel verdade se derramou nos seus olhos. Desapareceu sem olhar para trás, tamanha a pressa para fugir do cais. Esquecera os filhos também. Ela uniu-se a Soares, seu antigo amante português. Por intermédio de feitiçaria, destruiu o casamento do amásio, enlouquecendo um dos seus filhos (mero efeito colateral) e provocando a partida da então esposa para Portugal. Era casada com um homem branco rico e bem relacionado, com ele havia gerado filhos mestiços e assegurado a mobilidade social. Amplamente vitoriosa, chegou ao destino que desejava.

A nova família era composta por Delfina (negra), Soares (branco), Maria Das Dores (negra), Zezinho (negro), Jacinta (mestiça) e Luisinho (mestiço). Um dégradé de cores, dores, tons entre o preto e o branco. Maria Das Dores e Zezinho eram filhos de Delfina com José dos Montes. Jacinta e Luisinho eram os filhos de Soares com Delfina. Foco no casal bi racial e nas irmãs negras de pele clara e retinta. Um único teto abrigava corpos de cores opostas e unificadas, cabelos de distintas texturas, emoções de diferentes vivências. Histórias, anseios e projeções colidentes. A pluralidade sociorracial posiciona a convivência dos membros desta família na mira do microscópio crítico a analisar uma experiência laboratorial sobre o funcionamento, a causa e o efeito do racismo estruturado pelo colonizador português nas terras moçambicanas.

Mas porquê atribuir a uma criança tão linda um nome de amargura? [...] Dor é a solidão das mulheres que perderam os maridos e os filhos nas plantações. Dor sente um pai ou uma mãe quando se separa de um filho nos caminhos do mundo. Dolorosa é a nossa vida. Doloroso é o caminho dos negros. Doloroso é o destino que desenhava para esta criança. (CHIZIANE. 2008, p. 158-159).

Maria das Dores é um enunciado de santidade, e também de sofrimento, como antevera o presságio do avô, no fragmento acima aludido. É pura, meiga e simpática. Uma figura dócil com quem facilmente se simpatiza. A sua essência agradável, contudo, não a blindava do desprezo da mãe, que não lhe dedica tempo, carinho nem atenção. O cuidado, o afeto e o amor de Delfina não são multiplicados por todos os filhos, há distinções indicadas pela raça, há corpos dignos e corpos indignos de cuidado. Em sua mente não tivera duas filhas, havia uma filha e uma empregada: “Em casa, Maria das Dores esfregava o chão e Jacinta ficava a fazer os deveres da escola. Maria das Dores transportava lenha, cozinhava, limpava, e Jacinta só brincava. ” (CHIZIANE. 2008, p. 275).

O processo de desamparo de Maria das Dores teve início na relação familiar, quando seu pai fora trocado pelo velho português que, embora a tratasse muito bem, não

preenchia a lacuna deixada pelo seu progenitor; é o marco da virada do comportamento agressivo e excludente de sua mãe. Ao sair de casa, José dos Montes não fez menção à filha, rompeu no mesmo instante o casamento e o elo com a primogênita, que por ele se sentia protegida e amada, mas descobriu no abandono o lugar que ocupava em sua vida. Atrás da porta, dentro da casa que ele desocupou, percebeu-se mais um objeto impertinente ao recomeço. Talvez até tivesse ficado na lembrança, mas a certeza era a de que não faria parte do futuro. O padrasto, embora gentil, era exclusivamente pai de sua irmã, como a mãe fazia questão de lembrá-la. Nada era seu: o pai da sua irmã, o amor da mãe, o destino.

Ingrato reflexo, auto-ódio

Enquanto a filha de pele clara frequentava a escola, a filha de pele retinta era a empregada da casa, não recebia aconchego materno e tampouco tinha direitos. Esse desprezo por sua primeira descendente é a manifestação do auto-ódio de Delfina. Ao rejeitar Maria das Dores, rejeita a si mesma, a repulsa nutrida por sua própria filha é o recalque de quem não consegue quebrar o espelho nem mesmo esquecer-se de si. Das Dores dá vida a tudo que ela quer manter morto, enterrado no submundo do passado como uma velha roupa que não lhe cabe mais. Porém, a vida se impõe, e coube ao sangue do seu sangue trazer-lhe a verdade desconfortável com a qual não quer lidar: ainda que pesem os cremes utilizados, o bom português falado e a ascensão socioeconômica conquistada, sempre será uma mulher negra retinta.

“E isso não mudará. Estás aqui transformada em algo que nem se pode nomear. Não queres ser preta. Sonhas em ser branca ou mulata. Sonhas em ser um objeto animado, sem sombra, sem peso. Vestígio de uma raça. Uma branca imaginária.” (p.235) A submissão ao código do comportamento tido como branco concretiza a figura racista do “negro de alma branca”. (CHIZIANE, 2008 apud COSTA, 2021, p. 38).

Ao internalizar o racismo, o negro é marcado com o selo da perseguição pelo corpo-próprio. Daí por diante, o sujeito vai controlar, observar, vigiar esse corpo que se opõe à construção da identidade branca que ele foi coagido a desejar. A amargura, o desespero ou a revolta resultante da diferença em relação ao branco vai traduzir-se em ódio ao corpo negro. Para Memmi (2007, p. 164.), “o esmagamento do colonizado está

compreendido nos valores colonizadores. Quando o colonizado adota esses valores, adota também sua própria convicção”. Nessa condição, Delfina vê a filha com olhos de inquisidora, chama para si a responsabilidade de acusar e condenar. Aos seus olhos, são visíveis apenas os defeitos, sendo mais grave o defeito de cor, que grita aos seus ouvidos e reverbera em todos os seus sentidos o que ela pretende desconhecer em si mesma. “É dramático o momento em que compreende que tomou para si a responsabilidade pelas acusações e condenações do colonizador, que está se habituando a ver os membros de seu grupo com olhos de procurador.” (MEMMI, 2007, p. 165).

Maria das Dores é uma ave dispersa dançando no vento, encoberta nas nuvens. Todos sabem que está por ali, mas não desperta atenção, é relegada ao segundo plano, escalada como figurante na cena familiar. Esquecida pelo pai, que foi embora quando se descobriu traído. Rejeitada pela mãe, que a humilha por reavivar o que ela pretende manter morto. A relação com Jacinta é afetuosa, mas também abusiva porque a situa como sua ama, não como irmã. A paridade entre elas é nula. O destino, que também nunca fora seu, reservou-lhe ainda mais violência.

Depois que Soares regressou a Portugal, iniciou-se a derrocada financeira de Delfina. O status que sempre desejou ostentar perdera o fôlego e, como último trunfo, em ato de desespero, visita o próprio passado, agora na posição de algoz. Oferta a virgindade da filha retinta em troca de um feitiço que a reconduza à fartura. O futuro repetiu o passado, mais um corpo negro foi comercializado para o lucro de terceiros. Mais uma mãe traiu a confiança da filha. O vil metal fez-se mais precioso. Neusa Santos Souza (2021, p. 129), afirma que “o racismo é essa peste, olhar odioso que afeta o Outro, visada de ódio e intolerância àquilo que funda sua diferença. Ódio e intolerância ao outro, o racismo é essa maneira funesta de pensar e agir”. O outro, M^a. Das Dores, era intercambiável.

O segundo traço da violência racista, não duvidamos, é o estabelecer, por meio do preconceito de cor, uma relação persecutória entre o sujeito negro e seu corpo. O corpo ou a imagem corporal eroticamente investida é um dos componentes fundamentais na construção da identidade do indivíduo. A identidade do sujeito depende, em grande medida, da relação que ele cria com o corpo. A imagem ou o enunciado identificatório que o sujeito tem de si está baseado na experiência de dor, prazer ou desprazer que o corpo obriga-lhe a sentir e a pensar.

Para que o sujeito construa enunciados sobre sua identidade de modo a criar uma estrutura psíquica harmoniosa é necessário que o corpo seja predominantemente vivido e pensado como local e fonte de vida e prazer. As inevitáveis situações de sofrimento que o corpo impõe ao sujeito tem que ser “esquecidas”, imputadas ao acaso ou a agentes externos ao corpo. Só assim o

sujeito pode continuar a amar e cuidar daquilo que é, por excelência, condição da sua sobrevivência.

Um corpo que não consegue ser absolvido do sofrimento que inflige ao sujeito, torna-se um corpo perseguidor, odiado, visto como foco permanente de ameaça de morte e dor.

A partir do momento que o negro toma consciência do racismo, seu psiquismo é marcado com o selo da perseguição do corpo-próprio. Daí por diante, o sujeito vai controlar, observar e vigiar esse corpo que se opõe à construção da identidade branca que ele foi coagido a desejar. A amargura, o desespero ou a revolta em relação ao branco vai traduzir-se em ódio ao corpo negro. (SOUZA, 2021, p. 30-31).

O não lugar

- Pai, por que me fez com uma preta? - pergunta Jacinta. - Eu queria também ter uma mãe branca, para ser igual à sua outra esposa.

- Cala-te, Jacinta - grita Delfina -, se não fosse eu a arranjar-te um pai branco, terias nascido preta como os teus irmãos. Se não fosse o meu zelo na tua educação, tu terias crescido com coração de preta, como a Maria das Dores. (CHIZIANE. 2008, p. 238-239).

O diálogo supracitado acontece em uma situação banal do convívio familiar: um almoço. É importante evidenciar que a raiz da tensão gerada pela multiracialidade presente é profunda, tendo sua gênese no êxito do invasor ao provocar entre os negros dos mais variados tons de pele a guerra pela representação branca. Em anos de assimilação de discursos e práticas racistas, a nova (miscigenada) e a antiga (retinta) raças moçambicanas nivelam-se ao invasor e veem em seus antigos pares o outro, o que se distancia da norma eurocentrada, com o qual não querem parecer.

O racismo cotidiano refere-se a todo vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares que colocam o sujeito negro e as Pessoas de Cor não só como “Outra/o” – a diferença contra a qual o sujeito branco é medido – mas também como Outridade, isto é, como a personificação dos aspectos reprimidos na sociedade branca. (KILOMBA, 2019, p. 78).

A diferença entre branco e preto não se dá somente no campo físico, mas também no campo moral. Quando diz à filha de pele mais clara que deveria agradecer por não ter pai negro, Delfina também fala sobre o coração de preta de Maria das Dores. Concebe-se, assim, que para além do corpo e das condições socioeconômicas, o sentimento do negro também é diferente. O coração por ela mencionado não é um músculo involuntário que pulsa, mas, sim o sentimento, a afetividade. Algo que acredita que os negros não têm. A negação da emoção é fator edificante da animalização que o indivíduo negro sofre ao

ser abraçado pelo racismo, que julga este coração de vazio de bondade. A grandeza de espírito jamais poderá vir do outro, somente de si, branco ou iludido aspirante a branco. Ao outro, cabe o inverso: feio, desalmado, desonesto, cruel. Nunca a igualdade.

Ter a pele mais clara em relação à irmã retinta não privou Jacinta da rejeição paterna quando confrontado por um dos seus pares, a respeito do modo como era chamado por uma criança negra:

Quando o viu, saltou-lhe aos ombros plena de felicidade. O homem que falava com o seu pai perguntou:

- Quem é essa pretinha? O que ela faz aqui?

O pai corou e respondeu encabulado.

- É filha de uma amiga. Uma africana.

- Que te chama de pai?

- Sim.

- Já tinham me dito e fazia ouvido de mercador. És a vergonha da nossa classe Soares, és um cafre. (CHIZIANE. 2008, p. 253).

Exposta às vantagens de ser mestiça em um território colonizado, em que negros com a pele mais escura têm a existência desprezada, Jacinta conhece agora, pelas mãos do próprio pai, a outra face da folha de sua vida. Descobre-se negra. À frente do tom de pele mais claro, que a protegeu do racismo dentro de casa, a origem e o traço fenotípico fazem-se mais preponderantes, empurrando-a para outra realidade: a indignidade de ser assumida como filha diante de outro homem branco português, a mais alta patente social vigente.

Se para a mãe era um troféu a ser exibido orgulhosamente, para o pai era uma derrota acachapante que precisava ser escondida, pois reconhecê-la seria como caminhar para trás, descer degraus no status da sociedade colonial. O carinho recebido dentro de casa mostrou-se insuficientemente forte para que o pai bradasse aos quatro cantos que aquela menininha negra era, sim, sua filha. Africana, como bem disse, mas não filha de uma amiga. A filha que teve com a ex-prostituta negra, com quem vivia maritalmente, era tão sua filha quanto os outros que tivera com sua primeira esposa, que deixou Moçambique assim que dela se separou para, enfeitiçado, formar uma nova família cujos rebentos são a nova raça que povoará a terra invadida.

Branca demais para ser negra. Negra demais para ser branca. A balança racial ora pende para um lado, ora pende para o outro. Aos olhos dos negros revoltosos com a

subjugação, era rechaçada por ter aceso à educação, moradia digna e mesa farta, dentre outros privilégios que lhes eram negados. Aos olhos dos brancos, era mais uma negrinha, um ser inferior com o qual não deveriam estabelecer vínculo. Uma criatura menos pior do que um retinto, mas inconfundivelmente negra. Se dentro de casa, sob as regras da mãe, era catapultada à norma, na rua, no trato com outros indivíduos, Jacinta leu-se não branca. Experimentou, finalmente o fel da racialização que Maria Das Dores, sua irmã mais velha, e todos os outros negros igualmente retintos já haviam degustado.

O colorismo se constrói como arma indispensável na subjugação daqueles que são vencidos na guerra colonial. Aqueles que se constituíam a partir de um dado espaço geográfico, político e étnico, foram categorizados entre si de acordo com a proximidade ou o distanciamento do que caracterizavam os traços fenóticos do colonizador. O colonizado é o espaço a ser invadido; o sujeito a ser escrutinado por critérios construídos algures. (DEVULSKY, 2021, p. 30).

Posto que a diferenciação no tratamento destinado aos negros de variados tons é uma tática colonizadora, identifica-se na passagem a seguir o apartheid fomentado pelo colorismo já presente na vida das crianças:

Um dia, no intervalo das aulas, procurou Maria das Dores para brincar. A professora repreendeu. Por estar a brincar com uma preta, e que deveria brincar com pessoas da sua raça. Então disse: é minha irmã. A professora escandalizou-se. [...] Era sempre excluída da dança de roda pelas meninas do bairro. Porque ela era branca, e a dança de roda é coisa de pretas. Não queriam suportar as birras de Delfina, ameaçando de prisão ou de chicote e usando as influências de um marido branco, caso ela se magoasse. Maria das Dores brincando com as pretas. Jacinta brincando com as mulatas. (CHIZIANE, 2008, p. 254-255).

Faz-se flagrante, também, a definição dos papéis sociais destinados aos negros de pele clara e aos negros de pele escura, mais especificamente às mulheres negras, às irmãs Maria das Dores e Jacinta:

Maria das Dores era uma criança obediente, trabalhadora incansável, servente do bar, cozinheira, vendedeira de pão no mercado do subúrbio, que cuidava da higiene da casa e das crianças, que tudo fazia para a Jacinta estar livre e estudar sem interferência. A filha que suportava as birras maternas sem reclamar porque era negra e não tinha pai. (CHIZIANE. 2008, p. 275).

Maria das Dores tinha a obrigação de cumprir uma extensa lista de tarefas, lê-se trabalho, em um óbvio processo de adultização precoce - suas incumbências eram as mesmas de uma pessoa responsável por uma casa, pelo sustento próprio ou dos seus, afastando-a cada vez mais da infância idealizada para uma criança de treze anos. Jacinta

foi preservada desse sequestro, inclusive, era uma das atribuições da irmã mais velha. Na comparação entre as duas, coube à mais nova gozar do privilégio de ser cuidada, enquanto à mais velha foi reservada a prontidão de servir e obedecer. Aquela cujo tom de pele mais se aproximou da brancura ideal foi amortecida, ainda que parcialmente, dos impactos de ser negra.

Nas últimas duas décadas, a palavra pigmentocracia entrou em uso comum para se referir às distinções que as pessoas de ascendência africana na América fazem em seus vários tons de pele, que variam dos tons mais escuros de preto à palidez que se aproxima da brancura. Mais especificamente, a “ocracia” na pigmentocracia traz consigo noções de valor hierárquico que os espectadores colocam em tais tons de pele. Tons de pele mais claros são, portanto, mais valorizados do que tons de pele mais escuros. Tais preferências têm implicações sociais, econômicas e políticas, já que pessoas de tons de pele mais claros eram frequentemente - e estereotipicamente - vistas como mais inteligentes, talentosas e socialmente graciosas do que suas contrapartes negras mais escuras. Negros mais escuros eram vistos como não atraentes, de fato feios e geralmente considerados de menor valor. Os padrões europeus de beleza dominaram um povo africano durante a maior parte. (HARRIS, 2008, p.32).

A condição de mestiça coloca pessoas negras de pele clara em um plano menos hostil do que aquele em que estão pessoas negras de pele retinta. Entretanto, não confere blindagem total e irrestrita ante o racismo colonial, posto que a divisão de negros em castas sinalizadas pelo tom da pele se impõe peça da engrenagem racista.

Portanto, Jacinta também sofre com os abandonos e preterimentos tão recorrentes aos negros. Desde o constrangimento do pai que, ao ver-se atrelado a uma relação familiar com uma “criança mulata”, dela se esquiva (acrescido da partida repentina para outro país sem ao menos despedir-se), até o adeus que também não pode dar a Maria Das Dores, entregue pela mãe como pagamento pelo derradeiro feitiço que não fora sequer preparado, em razão do sequestro promovido pelo bruxo, deixando Delfina sem uma das filhas e sem o último trunfo nas mãos. Ainda que de maneira diferente, sentiu o impacto de não ser escolhida, de olhar para o lado e deparar-se com a solidão.

CONCLUSÃO

As cisões na natureza dos relacionamentos interpessoais, bem como os abalos na estruturação da sociedade moçambicana desde que o período colonial foi iniciado,

somente poderão ser depreendidos se assumido o caráter edificante do racismo para estes eventos.

O racismo é a tentativa de estigmatizar a diferença com o propósito de justificar vantagens injustas ou abusos de poder, sejam eles de natureza econômica, política, cultural ou psicológica. Embora membros de todos os grupos possam ter opiniões racistas – não há imunidade genética nesses casos – não é todo grupo que detém o poder necessário para praticar o racismo, ou seja, para traduzir uma atitude preconceituosa em opressão social. (SHOHAT e STAM, 2006, p. 51)

O indivíduo teve sua condição humana subtraída, a subjetividade do ser foi extirpada para erigir um projeto bem-sucedido de colonização, o qual necessita da submissão total dos nativos para sagrar-se vencedor. A dominação do colonizador dá-se em diferentes âmbitos, sempre no intuito de ceifar e coagir resquícios de resistência e identificação por parte do colonizado. Mata-se a língua, desvalorizando-a e impondo o idioma vindo da Europa como oficial.

No confronto linguístico que habita o colonizado, a sua língua materna é a humilhada, a esmagada. E esse desprezo, objetivamente fundado, acaba se tornando seu. Por iniciativa própria, ele começa a afastar essa língua enferma, a ocultá-la aos olhos dos estrangeiros, a só parecer à vontade na língua do colonizador. (MEMMI. 2007, p. 148)

Mata-se a afetividade, inculcando nas mentes uma objetividade que disseca o sentimento e instaura o *modus operandi* colonial, em que todos estão domesticados para a sobrevivência e a servidão.

O belicismo prevalece no inconsciente de cada ser desumanizado com o avanço do projeto de expansão territorial, fazendo-se audível nas palavras de desdém proferidas a um irmão de cor, na dureza dos fonemas que propagam o som que ecoa a crueldade de que se é capaz quando em seu destino há a interferência de um sistema que repete incansáveis vezes que tudo e todos que consigo se assemelham são errados, insuficientes e ruins. Mata-se, assim, o amor próprio, a autoestima não resiste aos ataques ao cheiro, à cor, à dança, à religião, às festas, aos credos, aos costumes, às tradições perpetuadas de geração em geração pela transmissibilidade oral.

Mata-se a pessoa, por fora e por dentro, anulando sua personalidade, a fim de redefini-la como a contraparte do invasor. Despe-se o sujeito para criar uma penumbra, um vulto que difere daqueles que se autointitularam norma. A sombra, criada no jogo de egos e poder, é a mácula da qual ninguém quer ter o mínimo vestígio. Mata-se a alma ao

admitir a comercialização do sexo de uma filha, que ganha ares de banalidade frente a outras tantas atrocidades cometidas. A sucessão de desgraças naturalizou os absurdos mais grotescos. Mataram a carne. Mataram na ponta da faca e na ponta da bala. Mataram pelas mãos invasoras e pelas mãos “mui” amigas, que, em um passado próximo estavam estendidas, na oferta do gesto gentil, mas, em pouco tempo, apertaram o gatilho para dizimar a quem muito conheceu.

Mataram, sobretudo, deixando o negro vivo, revirando os destroços restantes da própria vida que mudou de repente; atordoado com o que lhe fizeram e desesperançoso de um novo horizonte. Exploraram para manter funcionando o sistema colonial e observaram o triste espetáculo da amputação dos brios, da queda na cova, do sangue que jorra, da lágrima que verte. Concluíram, então, as etapas para a completa aniquilação e controle da terra e dos corpos que nela habitavam:

1. Descobrir e pôr em evidência as diferenças entre colonizador e colonizado.
2. Valorizar essas diferenças em benefício do colonizador e em detrimento do colonizado.
3. Levantar essas diferenças ao absoluto afirmando que são definitivas e agindo para que passem a sê-lo. (MEMMI, 2007, p. 108).

Paulina Chiziane, neste romance arrebatador, responde com maestria a pergunta-provocação lançada em forma de livro por Gayatri Spivak. Diz, categoricamente, que pode, sim, o subalterno falar. Ou, como dizia Lélia Gonzalez, “o lixo vai falar, e numa boa”. *O alegre canto da perdiz* é uma ficção da realidade tecida pelas mãos de quem se define como contadora de histórias. E as histórias aqui contadas são histórias oficiosas, incomumente presentes nos livros ditos oficiais, o avesso do mesmo lugar da luta em que a gente ainda se encontra; uma narrativa reveladora das minúcias do processo de colonização de Moçambique pelo prisma dos que foram vencidos. Chiziane evoca, deste modo, o âmago da literatura africana, que “nascida sob o signo de Prometeu, instituiu uma historicidade e uma aura próprias, em que o inconformismo do verbo e a inquietação identitária se fundem na sua imagem de marca.” (NOA, 2018, p. 20).

Por fim, conclui-se que, por mais diferentes que sejam os movimentos que levam à fuga, sempre são pretos os corpos deixados para trás. Faço questão de dizer corpos porque nesse ciclo de renúncias, os negros foram assim resumidos. Além de não terem recebido afeto, também tiveram desconsiderados os seus sentimentos, não importando o quanto sofreriam com aquelas ações, tampouco como recomeçariam e/ou continuariam

suas vidas a contar do momento em que se deu o atravessamento pelo contato indesejado com o conquistador. A experiência de estar à margem do sentir engloba todos os tons de preto que a pele possui - que é a marca de não ser uma opção viável, de ser alguém para quem se vira as costas sem ao menos dizer adeus, de ser algo rifado no primeiro momento de desespero, um objeto do qual se abre mão sem muito refletir porque não há valor.

A invasão branca foi perversa, inverteu valores e os fez se desconhecer. Implementou uma divisão até então desconhecida, estabelecendo critérios hierárquicos estipulados pelo tom da pele, em uma gradação que empregava aos mais retintos o grau de submissão e aviltamento maior, disseminando o combate entre negros, em que os pardos como negros não se reconheciam e a negritude recusavam, ainda que pretos fossem para quem os colonizava, e os retintos, pelos pardos também oprimidos, contra eles lutavam. Um plano cruciante, muito bem arquitetado. A nova realidade rompeu os laços. Mãos que antes caminhavam entrelaçadas, separaram-se, agrediram-se e aliaram-se ao inimigo para dizimar os seus e a si. O negro africano, nos seus desenganos, desfez-se dos planos para o branco explorar. Preso nas correntes da vida, são marcas que jamais esquecerá.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Sérgio Millet (Trad.) 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.

COSTA, Freire Jurandir. *Tornar-se negro* (Prefácio original). Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

CHIZIANE, Paulina. *O alegre canto da perdiz*. Porto Alegre: Dublinense, 2018.

DEVULSKY, Alessandra. *Colorismo*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

HARRIS, Trudier. “Pigmentocracy.” Freedom’s Story, TeacherServe©. National Humanities Center. Disponível em <http://nationalhumanitiescenter.org/tserve/freedom/1865-1917/essays/pigmentocracy.htm>> Acesso em 27 maio. 2022.

HOOKS, Bell. Vivendo de amor. Documento eletrônico disponível em <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>> Acesso em 16 jan. 1. 2022.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Jess Oliveira (Trad.) Rio de Janeiro: Editora de Livros Cobogó, 2019.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido do colonizador*. Marcelo Jacques de Moraes (Trad.) Rio de Janeiro: Editora Record Ltda: 2007.

NOA. Francismo. *Uns e outros na literatura moçambicana*. São Paulo: Editora Kapulana Ltda: 2018.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica: Multiculturalismo e representação*. Marcos Soares (Trad.) São Paulo: Cosacnaify, 2006.

SOUZA. Neusa Santos. *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

